

IMAGEM C/UMA

AFETO EM ARTE



"Uma batalhadora obstinada, incansável. Afeto em estado bruto – que derramava às pessoas ao seu redor, sem distinção de classe social, cor da pele ou qualquer outra circunstância. É difícil dar conta das múltiplas facetas de Janete, de suas grandes contribuições nos campos da arquitetura de interiores, design expositivo, design de produtos e divulgação da arte popular e do artesanato. A importância de Janete transcende o cenário brasileiro". É assim que a jornalista, escritora e produtora cultural Adélia Borges começa a descrever a amiga e parceira de projetos Janete Costa.

Adélia conta que conheceu a arquiteta pessoalmente em 1991, quando trabalhava na revista Design & Interiores. Segundo ela, foi difícil marcar o encontro. "Janete andava muito ocupada. Finalmente combinamos e me desloquei ao Rio de Janeiro para a entrevista. Ela me hospedou em sua própria casa, em São Conrado. Era um lugar magnífico, que propiciava uma imersão em seu modo de pensar e projetar. Fiquei maravilhada", lembra.

Porém, o impacto maior foi a recepção de braços abertos, com muita generosidade. "Isso me marcou demais, não só nesse primeiro encontro, mas em todos os outros que tivemos. Moro em São Paulo e, ao longo dos anos, tive a oportunidade de ficar várias vezes em suas casas, tanto no Rio quanto em Olinda. Acordar no mesmo lugar, tomar café da manhã juntas, conviver com o seu cotidiano, conhecer seus inúmeros amigos foi uma maravilha e fonte de um enorme aprendizado", conta.

Adélia diz que o seu relacionamento com a arquiteta pernambucana se deu em duas vertentes: divulgação da obra de Janete e atuação em conjunto na elaboração de exposições. Na primeira, como jornalista, ela conta que foram muitos os textos escritos para diferentes veículos. "Ao conhecê-la, escrevi 'Janete Costa, a arquiteta dos interiores brasileiros', publicado em várias páginas na edição 28 da revista Design & Interiores, em 1991".

A ideia de dar um espaço a Janete partiu de Vicente Wissenbach, criador e diretor da editora Projeto, que publicava a revista de mesmo nome. "Os leitores de revistas de decoração já a conheciam por intermédio de jornalistas como Olga Krell. No entanto, ela era pouco conhecida no meio do design e da arquitetura em São Paulo, onde havia um indistigável preconceito contra os decoradores. A entrevista ajudou a torná-la mais conhecida nesse meio", afirma Adélia.

Desde então, Janete passou a contratá-la para escrever os textos das exposições que fazia. "Pude conviver com sua faceta de curadora e de organizadora de mostras antológicas. Uma exposição sobre arte popular e artesanato no Riocentro funcionou para mim como um curso intensivo. Aos poucos, comecei a fazer curadorias", lembra. Assim foi com Novos At- quimistas, em 1999, no Itaú Cultural de São Paulo, e que até 2001 itinerou por outras cidades. A mostra colocou em foco móveis, luminárias, roupas, tecidos, joias, pratos e cortinas criados por designers brasileiros a partir de materiais banais e desvalorizados. "Participaram de Lino Villaventura a Maurício Castro, até Renato Imbroisi e Nido Campolongo. Misturei autores eruditos com populares ou anônimos, uma prática constante em minha trajetória desde então", revela.

Em 2003, ao assumir a direção do Museu da Casa Brasileira, Adélia chamou Janete para fazer a cenografia da primeira exposição temporária de sua gestão. O tema foi a aproximação entre design e artesanato (existente no país desde os anos 1980), depois de décadas de distanciamento, e o trabalho escolhido foi o desenvolvido pelo designer têxtil Renato Im-



ADÉLIA BORGES



Janete me ensinou a olhar e discernir – verbos que são a base da minha atuação profissional. Ela fazia isso sem nunca exercer uma ditadura do gosto, mas, antes, levando cada um de nós – seus clientes, colaboradores e amigos – a uma valorização de nossas próprias histórias, somadas às vivências que ela proporcionava. Nunca poderei agradecer à vida o suficiente por ter tido o privilégio dessa aprendizagem e dessa convivência, permeadas sempre por tanta alegria de viver



broisi junto a comunidades de artesãos do interior de Minas Gerais. "Janete deu um show, com sua habitual capacidade de comover o público, com o seu modo de valorizar o conhecimento popular, sem, em nenhum momento, roubar o protagonismo para o seu próprio trabalho", ressalta.

De acordo com a jornalista, essa capacidade de encantar certamente seria apreciada no exterior. Desse modo, quando foi chamada, em 2005, para fazer a curadoria da exposição "Design contemporâneo brasileiro" no San Francisco Design Center (EUA), o nome que veio à mente foi o de Janete Costa. "Ela, mais uma vez, foi fantástica. Era incrível a sua capacidade de, mesmo trabalhando em condições precárias, superar todas as limitações. Essa viagem teve ainda a participação de Borsoi, Sérgio Rodrigues, da encantadora Vera Beatriz e de vários designers e arquitetos, como Ivan Rezende e Delia Beru", conta.

Em 2007, Adélia juntou-se ao cineasta e fotógrafo alagoano Celso Brandão para a elaboração de um vídeo sobre Janete. "Filmamos no Recife e em Olinda, num encontro muito agradável", revela. Para Adélia, Janete permanece viva. Por isso, ela resolveu seguir escrevendo e difundindo suas ideias. O texto "Interferir sem ferir", uma de suas máximas sobre a relação entre designers e artesãos, foi publicado na MAG! (revista da São Paulo Fashion Week), em 2012. E numa edição da Bamboo dedicada à decoração brasileira, em agosto de 2015, a jornalista pôde explorar com mais detalhes a relevância da atuação da amiga e parceira de grandes projetos.

Adélia Borges
www.adeliaborges.com
(11) 3815 0366